

Coluna do Castello

Sarney enfrenta esquerda do PMDB

COM sua decisão de ter seu líder no Congresso e em especial na Câmara, o presidente José Sarney está demonstrando que ainda convive com a crise econômica mas já não pretende conviver com a crise política. A crise econômica desenvolve-se num patamar no qual o presidente convive em confiança com a equipe, ou pelo menos com seu chefe incontestável, o ministro Dilson Funaro. Já a crise política desenrola-se num cenário ambíguo no qual a linha entre a confiança e a desconfiança é um fio de navalha.

O fato que parece ter determinado o chefe do governo a enfrentar a crise política foi a apresentação de propostas por parte de constituintes filiados ao PMDB visando a atribuir à Assembléia Constituinte poderes de emitir atos constitucionais, eliminando o papel do Congresso Nacional, investindo-se de poderes de emendar por maioria absoluta a Constituição em vigor e de, em consequência, alterar por antecipação toda a ordem jurídica, suprimindo o processo de transição democrática pelo qual são todos responsáveis.

O palácio tende a considerar como subversivo tal procedimento e por isso mesmo se terá decidido a incluir seu próprio líder na lista de líderes parlamentares a fim de enfrentar, na toca do leão, a ameaça que vê na iniciativa de deputados do PMDB. O sr. Maurilio Ferreira Lima já foi ao diálogo com o presidente e parece ter saído sensibilizado com as razões que justificam a ação do sr. José Sarney. Insiste, porém, esse deputado em que negociações se devam processar para definir o que já está definido — o papel da Assembléia Constituinte. Pela emenda constitucional que a convocou, seu papel é elaborar a nova Constituição. As alterações na ordem vigente deverão surgir no capítulo das disposições transitórias.

O PMDB resiste, como é notório, à indicação de um líder por cima do seu próprio líder, muito embora o presidente tenha se fixado no nome de um deputado do PMDB e ex-ministro de Estado. O partido tem, no entanto, oportunidade de contornar o problema, elegendo líder o mesmo sr. Carlos Sant'Anna, que já anteriormente incluía seu nome entre os postulantes à liderança do PMDB. O prazo dado até hoje para uma decisão do partido permitirá ao sr. Ulysses Guimarães tentar compor a bancada de deputados em torno do nome do deputado baiano, o qual, assim, acumularia,

como é da tradição parlamentar do regime de 1946, a condição de líder do partido e de líder do governo, funcionando o sr. José Lourenço como vice-líder do governo. Uma alternativa seria a eleição para a liderança partidária do sr. Milton Reis, com a qual se atenderia à pretensão mineira sem ferir suscetibilidades à direita ou à esquerda.

O Planalto não deixaria de apresentar seu próprio porta-voz se o líder emergir de correntes esquerdistas sensíveis ao movimento de autonomização da Constituinte. Como tais são considerados o sr. Luís Henrique, de quem se diz ser coordenado pelo deputado Pimenta da Veiga, e o sr. João Hermann, que seria a expressão mais radical do movimento esquerdista dentro do partido. O sr. Ulysses Guimarães terá dificuldades de compor esse quadro, que expõe a profunda divisão interna do seu partido. Por seu papel no PMDB, cabe-lhe coordenar e evitar suscetibilidades que se transformem em cisões irreparáveis. Ele não pode aceitar argumentos do Planalto mas também não pode convencer o presidente da República de que líderes de formação ideológica deixariam de ser complacentes com iniciativas consideradas subversivas.

Resta saber o poder de fogo das esquerdas partidárias. É provável que elas resistam, embora corram o risco de, indo ao voto, tornar ostensiva sua qualidade de força minoritária dentro do PMDB. Num confronto sob o patrocínio do palácio é possível que o sr. Carlos Sant'Anna seja o escolhido pela bancada, na qual, segundo as previsões, seria predominante o movimento de centro liberal e conservador. Embora o sr. Sant'Anna tenha vínculos pessoais com a esquerda, sua postura política parece bastante nítida. O problema do governo seria convencer o sr. Milton Reis a retirar seu nome da disputa, façanha que somente o governador Newton Cardoso pode levar a cabo. Caso isso seja impossível o sr. Sant'Anna teria de ser convencido da inexistência de choques previsíveis entre ele e o deputado mineiro.

O presidente José Sarney, que se prepara para essa batalha desde alguns dias, está aparentemente convencido de que vencerá a luta. O caso levantado pelo sr. José Lourenço, líder do PFL, já deve ter sido contornado pelo enquadramento do processo de crise dentro do qual esse partido tem uma posição definida — ele fica com o governo contra manifestações radicais.

O sr. Ulysses Guimarães, convocado a atuar como presidente do PMDB, não terá pretensão de criar situações irreparáveis entre o partido e o governo, antes pelo contrário. Sua posição é, no entanto, delicada mas o fato é que mais cedo ou mais tarde ele teria de defrontar-se com um problema desse tipo.

Carlos Castello Branco